

20. A Eucaristia (2)

A Santa Missa é sacrifício em sentido próprio e singular, porque representa (torna presente), no hoje da celebração litúrgica da Igreja, o único sacrifício da nossa redenção.

20/01/2015

1. A dimensão sacrificial da Santa Missa

1.1. Em que sentido a Santa Missa é sacrifício?

A Santa Missa é *sacrifício* em sentido próprio e singular, e é ‘novo’ em relação aos sacrifícios das religiões naturais e do Antigo Testamento: é *sacrifício* porque a Santa Missa *representa* (torna presente), no hoje da celebração litúrgica da Igreja, o único sacrifício da nossa redenção, porque é o seu *memorial* e *aplica* o seu fruto (cf. *Catecismo*, 1362-1367).

A Igreja, cada vez que celebra a Eucaristia, está chamada a acolher o dom que Cristo lhe oferece e, portanto, a participar no sacrifício do seu Senhor, oferecendo-se com Ele ao Pai pela salvação do mundo. Logo, pode-se afirmar que a Santa Missa é o sacrifício de Cristo e da Igreja.

Veremos mais detalhadamente estes dois aspectos do Mistério Eucarístico.

1.2. A Eucaristia, presença sacramental do sacrifício redentor de Cristo

Como foi dito, a Santa Missa é verdadeiro e próprio sacrifício pela sua relação direta – de identidade sacramental – com o único sacrifício, perfeito e definitivo da Cruz [1]. Esta relação foi instituída por Jesus Cristo na Última Ceia, quando entregou aos Apóstolos, sob as espécies do pão e do vinho, o seu *Corpo oferecido em sacrifício e o seu Sangue derramado em remissão dos pecados*, antecipando no rito memorial o que iria acontecer historicamente, pouco depois, sobre o Gólgota. Desde então, a Igreja, sob a orientação e o poder do Espírito Santo, não cessa de cumprir o mandato de reiteração que Jesus Cristo deu aos seus discípulos: “Fazei isto em memória de mim [como meu memorial]” (*Lc 22,19; 1 Cor 11,24-25*). Deste modo, ‘anuncia’ (torna presente com a palavra e o sacramento) “a morte do Senhor” (ou seja, o seu sacrifício: cf. *Ef 5,2; Heb 9,26*), “até que Ele venha” (portanto, a sua Ressurreição

e Ascensão gloriosas) (cf. *1 Cor* 11,26).

Este anúncio, esta proclamação sacramental do Mistério Pascal do Senhor, é de particular eficácia, pois não só se representa *in signo*, ou *in figura*, o sacrifício redentor de Cristo, mas também se torna verdadeiramente presente. O *Catecismo da Igreja Católica* expressa-o do seguinte modo: “A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, a atualização e a oferta sacramental do seu único sacrifício na liturgia da Igreja, que é o corpo d’Ele” (*Catecismo*, 1362). Portanto, quando a Igreja celebra a Eucaristia, pela consagração do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo, torna-se presente a mesma vítima do Gólgota, agora gloriosa; o mesmo sacerdote, Jesus Cristo; o mesmo ato de oferta sacrificial (a oferta primordial da Cruz) inseparavelmente unido à presença sacramental de Cristo;

oferta sempre atual em Cristo ressuscitado e glorioso[2]. Só muda a manifestação externa desta entrega: no Calvário, mediante a paixão e morte de Cristo; na Santa Missa, através do memorial-sacramento: a dupla consagração do pão e do vinho no contexto da Oração Eucarística (imagem sacramental da imolação da Cruz) [3].

Concluindo: a Última Ceia, o sacrifício do Calvário e a Eucaristia estão estreitamente relacionados: a Última Ceia foi a antecipação sacramental do sacrifício da Cruz; a Eucaristia, que então Jesus Cristo instituiu, perpetua (torna presente) ao longo dos tempos, ali onde se celebra sacramentalmente, o único sacrifício redentor do Senhor, para que todas as gerações possam entrar em contato com Cristo e acolher a salvação que Ele oferece à humanidade inteira[4].

1.3. A Eucaristia, sacrifício de Cristo e da Igreja

A Santa Missa é o sacrifício de Cristo e da Igreja, porque cada vez que se celebra o mistério eucarístico, ela, a Igreja, participa no sacrifício do seu Senhor, entrando em comunhão com Ele – com a sua oferta sacrificial ao Pai – e com os bens da redenção que Ele nos obteve. Toda a Igreja oferece e é oferecida em Cristo ao Pai pelo Espírito Santo. Assim o afirma a tradição viva da Igreja, tanto nos textos da liturgia como nos ensinamentos dos Padres e do Magistério[5]. O fundamento desta doutrina encontra-se no princípio de união e cooperação entre Cristo e os membros do seu Corpo, claramente exposto pelo Concílio Vaticano II: “Em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a

si a Igreja, sua esposa muito amada”[6].

A Igreja oferece com Cristo

A participação da Igreja – o Povo de Deus hierarquicamente estruturado – na oferta do sacrifício eucarístico está legitimada pelo mandato de Jesus: “fazei isto em minha memória [como meu memorial]” e reflete-se na fórmula litúrgica “*memores... offerimus... [tibi Pater]... gratias agentes... hoc sacrificium*”, frequentemente utilizada nas Orações Eucarísticas da Igreja Antiga[7] e igualmente presente nas atuais Orações Eucarísticas[8].

Como testemunham os textos da liturgia eucarística, os fiéis não são simples espectadores de um ato de culto realizado pelo sacerdote celebrante; todos podem e devem participar na oferta do sacrifício eucarístico, porque em virtude do Batismo foram incorporados em

Cristo e formam parte da “raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus” (*1 Pe* 2,9); ou seja, do novo Povo de Deus em Cristo, que Ele próprio continua a reunir à sua volta para que, de um confim ao outro da Terra, se ofereça ao Seu nome um sacrifício perfeito (cf. *Ml* 1,10-11). Oferecem não só o culto espiritual do sacrifício das obras e da sua existência inteira, mas também – em Cristo e com Cristo – a Vítima pura, santa e imaculada. Tudo isto comporta o exercício do sacerdócio comum dos fiéis na Eucaristia.

Entre a oferta da Igreja e a de Cristo não há justaposição, mas identificação. Os fiéis não oferecem um sacrifício diferente do de Cristo, pois ao unirem-se a Ele tornam possível que incorpore a oblação da Igreja à Sua, de tal modo que a oferta da Igreja é a mesma oferta de Cristo. E é Ele, Jesus Cristo, quem oferece,

incorporado ao seu, o sacrifício espiritual dos fiéis. A relação entre estes dois aspectos não pode ser caracterizada como justaposição nem como sucessão, mas como presença de um e de outro.

A Igreja é oferecida a Cristo

A Igreja, em união com Cristo, não só oferece o sacrifício eucarístico, mas também é oferecida n'Ele, pois, como Corpo e Esposa, está inseparavelmente unida à sua Cabeça e ao seu Esposo.

O ensinamento dos Padres é muito claro a este respeito. Para São Cipriano, a *Igreja oferecida* (a oblação invisível dos fiéis) está simbolizada na oferta litúrgica dos dons do pão e do vinho, misturado com algumas gotas de água, como matéria do Sacrifício do Altar[9]. Para Santo Agostinho, é claro que no Sacrifício do Altar toda a Igreja é oferecida com o seu Senhor, e que isto se manifesta

na própria celebração sacramental: “Esta cidade plenamente redimida, ou seja, a assembleia e a sociedade dos santos, é oferecida a Deus como um sacrifício universal pelo Sumo Sacerdote que, sob a forma de escravo, se ofereceu por nós na sua Paixão, para fazer de nós o corpo de uma tão grande Cabeça... Tal é o sacrifício dos cristãos: sendo muitos, não formamos mais que ‘um só corpo em Cristo’ (*Rm 12,5*). A Igreja celebra este mistério no sacramento do altar, bem conhecido dos fiéis, onde se mostra que, no que ela oferece, se oferece a si mesma”[10]. Para São Gregório Magno, a celebração da Eucaristia é um estímulo para que imitemos o exemplo do Senhor, oferecendo a nossa vida ao Pai como Jesus fez; deste modo, chegará até nós a salvação que provém do sacrifício da Cruz do Senhor: “É necessário que quando celebrarmos este sacrifício eucarístico nos ofereçamos a Deus de coração

contrito, porque ao celebrarmos os mistérios da paixão do Senhor devemos imitar aquilo que fazemos. Então a hóstia ocupará o nosso lugar junto de Deus, se nos fizermos hóstias a nós mesmos”[11].

A própria liturgia eucarística não deixa de expressar a participação da Igreja, sob a influência do Espírito Santo, no sacrifício de Cristo: “Olhai benignamente para a oblação da vossa Igreja: vede nela a vítima que nos reconciliou convosco, e fazei que, alimentando-nos do Corpo e Sangue do vosso Filho, cheios do Espírito Santo, sejamos em Cristo um só corpo e um só espírito. O Espírito Santo faça de nós uma oferenda permanente...”[12]. De modo semelhante se pede na Oração Eucarística IV: “Olhai, Senhor, para esta oblação que preparastes para a vossa Igreja; e concedei, por vossa bondade, a quantos vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice,

que, reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, sejamos em Cristo uma oferenda viva para louvor da vossa glória”.

A participação dos fiéis consiste em primeiro lugar em unirem-se interiormente ao sacrifício de Cristo, tornado presente sobre o altar graças ao ministério do sacerdote celebrante. Não se pode dizer de nenhum modo que os fiéis ‘concelebram’ com o sacerdote[13], já que só ele atua *in persona Christi Capitis*. Mas, na verdade, concorrem para a celebração do sacrifício por meio do sacerdócio comum recebido no Batismo. Esta participação interior deve manifestar-se na participação exterior: na comunhão (estado de graça), nas respostas e nas orações que os fiéis rezam com o sacerdote; nas posições; e às vezes, também na realização de alguns ritos, como a proclamação das leituras ou a oração dos fiéis.

No que diz respeito ao Magistério contemporâneo, basta citar este texto do *Catecismo da Igreja Católica*: “é também o sacrifício da Igreja. A Igreja, que é o corpo de Cristo, participa da oferta de sua Cabeça. Com Cristo, ela mesma é oferecida inteira. Ela se une à sua intercessão junto ao Pai por todos os homens. Na Eucaristia, o sacrifício de Cristo se torna também o sacrifício dos membros de seu Corpo. A vida dos fiéis, seu louvor, seu sofrimento, sua oração, seu trabalho, são unidos aos de Cristo e à sua oferenda total, e adquirem assim um valor novo. O sacrifício de Cristo, presente sobre o altar, dá a todas as gerações de cristãos a possibilidade de estarem unidos à sua oferta” (*Catecismo*, 1368).

A doutrina enunciada tem importância fundamental para a vida cristã. Todos os fiéis estão chamados a participar na Santa

Missa exercitando o seu sacerdócio real, ou seja, com a intenção de oferecer a sua própria vida sem mancha de pecado ao Pai, com Cristo, Vítima imaculada, em sacrifício espiritual-existencial, restituindo-o com amor filial e em ação de graças por tudo o que d'Ele receberam.

Os fiéis devem procurar que a Santa Missa seja realmente *centro e raiz da sua vida interior*[14], orientando para ela o seu dia inteiro, o trabalho e todas as suas ações. Esta é uma manifestação central da ‘alma sacerdotal’. Nesta linha, São Josemaria exorta-nos: “Deves lutar por conseguir que o Santo Sacrifício do Altar seja o centro e a raiz da tua vida interior, de modo que todo o teu dia se converta num ato de culto - prolongamento da Missa a que assististe e preparação para a seguinte -, que vai transbordando em jaculatórias, em visitas ao Santíssimo Sacramento, em oferecimento do teu

trabalho profissional e da tua vida familiar...”[15].

As missas sem participação de povo têm também caráter público e social. Os seus efeitos estendem-se a todos os tempos e lugares. Daí a grande conveniência de que os sacerdotes celebrem todos os dias, mesmo quando não houver participação de fiéis[16].

2. Fins e frutos da Santa Missa

A Santa Missa, enquanto *representação sacramental* do sacrifício de Cristo, tem os mesmos fins que o sacrifício da Cruz[17]. Esses fins são os seguintes:

- *latrêutico* (louvar e adorar a Deus Pai, pelo Filho, no Espírito Santo);
- *eucarístico* (dar graças a Deus pela criação e pela redenção);

- *propiciatório* (desagravar a Deus pelos nossos pecados);
- *impetratório* (pedir a Deus os seus dons e as suas graças).

Isto expressa-se nas diversas orações que fazem parte da celebração litúrgica da Eucaristia, especialmente no Glória, no Credo, nas diversas partes da Anáfora ou Oração Eucarística (Prefácio, *Sanctus*, *Epíclese*, Anamnese, Intercessões, Doxologia final), no Pai Nosso, e nas orações próprias de cada Missa: Oração Coleta, Oração sobre as oferendas, Oração depois da Comunhão.

Tais frutos de santidade não se determinam identicamente em todos os que participam no sacrifício eucarístico; serão maiores ou menores dependendo de como cada um participa na celebração litúrgica e na medida da sua fé e devoção.

Por isso, a participação nos frutos da Santa Missa é diferente: toda a Igreja, o celebrante e os que, unidos a ele, se unem para a celebração eucarística, os que, sem participar na Missa, se unem espiritualmente ao sacerdote que celebra; e aqueles pelos quais a Missa é oferecida, vivos ou defuntos[18].

Quando um sacerdote recebe uma oferta para que aplique os frutos da Missa por uma intenção, ele é gravemente obrigado a fazê-lo[19].

Ángel Garcia Ibáñez

Bibliografia básica

Catecismo da Igreja Católica,
1356-1372.

João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia*, 17-04-2003, nn. 11-20; 11-20.

Bento XVI, Ex. ap. *Sacramentum Caritatis*, 22-02-2007, nn. 6-15; 16-29; 34-65.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos,
Instrução *Redemptionis Sacramentum*, 25-03-2004, nn. 36-47; 48-79.

Leituras recomendadas

São Josemaria, “A Eucaristia, Mistério de Fé e de Amor”, *É Cristo que Passa*, 83-94.

J. Ratzinger, *Deus próximo de nós. A Eucaristia centro da vida*, Tenacitas, Coimbra 2005, pp. 33-84.

J. Echevarría, *Eucaristia e Vida Cristã*, Diel, Lisboa 2009, pp. 59-99; 189-294.

A. García Ibáñez, “A Santa Missa, centro e raiz da vida do cristão”, *Romana* 28 (1999), pp. 148-165

J. R. Villar; F. M. Arocena; L. Touze, “Eucaristía”, em C. Izquierdo (dir), *Diccionario de Teología*, Eunsa, Pamplona 2006, pp. 358-360.

[1] O *Catecismo da Igreja Católica* expressa-o assim: “O sacrifício de Cristo e o sacrifício da Eucaristia são *um único sacrifício*” (*Catecismo*, 1367).

[2] Nesta linha, o *Catecismo da Igreja Católica* afirma: “significa e realiza principalmente seu mistério pascal. Durante sua vida terrestre, Jesus anunciava seu Mistério pascal por seu ensinamento e o antecipava por seus atos. Quando chegou sua hora, viveu o único evento da história que não passa: Jesus morre, é sepultado,

ressuscita dentre os mortos e está sentado à direita do Pai ‘uma vez por todas’ (Rm 6,10; Hb 7,27; 9,12). É um evento real, acontecido em nossa história, mas é único: todos os outros eventos da história acontecem uma vez e depois passam, engolidos pelo passado. O Mistério pascal de Cristo, ao contrário, não pode ficar somente no passado, já que por sua morte destruiu a morte, e tudo o que Cristo é, fez e sofreu por todos os homens participa da eternidade divina, e por isso abraça todos os tempos e nele se mantém presente. O evento da cruz e da ressurreição permanece e atrai tudo para a vida” (*Catecismo*, 1085).

[3] O sinal sacramental da Eucaristia não causa de novo, não produz nem reproduz a realidade feita presente (não volve a renovar o sacrifício cruento da Cruz, pois Cristo ressuscitou e “a morte não tem mais poder sobre Ele” (Rm 6, 9), nem causa em Cristo nada que não possua já

plena e definitivamente: não exige novos atos de imolação e de oferta sacrificial em Cristo glorioso). A eucaristia simplesmente torna presente uma realidade preexistente: a Pessoa de Cristo – o Verbo encarnado, que foi crucificado e ressuscitou – e, n'Ele, do ato sacrificial da nossa redenção. O signo só Lhe oferece um novo modo de presença, sacramental, permitindo, como veremos a seguir, a participação da Igreja no sacrifício do Senhor.

[4] Neste sentido, afirma o Concílio Vaticano II: “Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual ‘Cristo, nossa Páscoa, foi imolado’” (*1 Cor 5,7*), realiza-se também a obra da nossa redenção” (*Lumen Gentium*, 3).

[5] Cf. *Catecismo*, 1368-1370.

[6] Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 7.

[7] Cf. Oração Eucarística da *Tradição Apostólica* de S. Hipólito; *Anáfora de Addai e Mari*; *Anáfora de S. Marcos*.

[8] Cf. Missal Romano, Oração Eucarística I (*Unde et memores* - Celebrando, pois, a memória da paixão do vosso Filho... vos oferecemos; *Supra quae* - Recebei, ó Pai, com bondade, a oferenda dos vossos servos); Oração Eucarística III (*Memores igitur* - nós vos oferecemos em ação de graças este sacrifício de vida e santidade; *Respice quaesemus* - Olhai com bondade a oferenda da vossa Igreja, reconhecei o sacrifício que nos reconcilia convosco; *Ipse nos tibi*); expressões semelhantes encontram-se nas Orações II e IV.

[9] Cf. S. Cipriano, *Ep.* 63, 13: CSEL 3, 71.

[10] S. Agostinho, *De Civ. Dei*, 10, 6: CCL 47,279.

[11] S. Gregório Magno, *Dialog.*, 4,61,1: SChr 265,202

[12] Missal Romano, Oração Eucarística III: *Respice, quae sumus e Ipse nos tibi.*

[13] Cf. Pio XII, Carta Encíclica *Mediator Dei* (DS 3850); Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Instrução *Redemptionis Sacramentum*, 42.

[14] Cf. S. Josemaria, *É Cristo que Passa*, 87.

[15] São Josemaria, *Forja*, 69.

[16] Cf. Concílio de Trento, *Doutrina sobre o Santíssimo Sacrifício da Missa*, cap. 6: DS 1747; Concílio Vaticano II, Decreto *Presbyterorum Ordinis*, 13; João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia*, 31; Bento XVI, Ex. ap. *Sacramentum Caritatis*, 80.

[17] Esta identidade de fins baseia-se não só na intenção da Igreja celebrante, mas sobretudo na presença sacramental do próprio Jesus Cristo: ainda são atuais e operativos n'Ele os fins pelos quais ofereceu a sua vida ao Pai (cf.*Rm* 8, 34; *Heb* 7, 25).

[18] A aplicação do que acabamos de falar – trata-se de uma oração especial de intercessão – não implica nenhum automatismo na salvação; a esses fiéis, a graça não chega de modo automático, mas na medida da sua união com Deus pela fé, esperança e amor.

[19] Cf. Código de Direito Canônico, *cân.* 945-958. Com esta aplicação particular, o sacerdote celebrante não exclui das bênçãos do sacrifício eucarístico os outros membros da Igreja, nem a humanidade inteira; simplesmente inclui alguns fiéis de modo especial.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/tema-20-a-
eucaristia-ii/](https://opusdei.org/pt-br/article/tema-20-a-eucaristia-ii/) (21/01/2026)